

SUBLIMES TEMPORAIS ¹Ravel Giordano PAZ ²

*Para a Júlia e a Helena
(duas meninas)*

— Mas que quer dizer esse poema? — perguntou-me alarmada a boa senhora.

— E o que quer dizer uma nuvem? — retruquei triunfante.

— Uma nuvem? — diz ela. — Uma nuvem umas vezes quer dizer chuva, outras vezes bom tempo...

(Mario Quintana, “Exegese”)³

RESUMO *O trabalho discorre sobre o tema da morte e sua articulação com um certo sentimento do sublime na poesia de Mario Quintana.*

ABSTRACT *This paper develops the theme of death and its articulation with a certain feeling of the sublime in the poetry of Mario Quintana.*

A simplicidade e o tom pueril dos poemas de Mario Quintana lhe valeram muitas vezes a suspeita de superficialidade. Lembro-me que à época de sua morte um grande órgão de imprensa chegou a noticiá-la referindo-se a algo como o “poeta das agendas estudantis”. Nada mais escorregadio, no entanto, que a puerilidade da poesia de Quintana, sob a qual se ocultam, ou melhor, se revelam de formas quase sempre igualmente pueris, os mistérios do homem e do mundo, da vida e da morte. Um bom exemplo é o texto poético ou poema em prosa “Velha História”, no qual o sentimento ingênuo ou mesmo infantil de que o olhar do escritor tantas vezes se

¹ Ravel Giordano Paz é mestre em Teoria e História da Literatura pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp e doutorando no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP.

² Mestre em Teoria e História da Literatura pela Universidade de Campinas e Doutorando no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas na Universidade de São Paulo.

³ QUINTANA 1977: 76.

reveste se mistura da forma mais singular a uma tristeza suave e irônica, mas nem por isso menos profunda. O texto não é longo, e merece ser reproduzido na íntegra:

Era uma vez um homem que estava pescando, Maria. Até que apanhou um peixinho! Mas o peixinho era tão pequenininho e inocente, e tinha um azulado tão indescritível nas escamas, que o homem ficou com pena. E retirou cuidadosamente o anzol e pincelou com iodo a garganta do coitadinho. Depois guardou-o no bolso traseiro das calças, para que o animalzinho sarasse no quente. E desde então ficaram inseparáveis. Aonde o homem ia, o peixinho o acompanhava, a trote, que nem um cachorrinho. Pelas calçadas. Pelos elevadores. Pelos cafés. Como era tocante vê-los no “17”! – o homem, grave, de preto, com uma das mãos segurando a xícara de fumegante moça, com a outra lendo o jornal, com a outra fumando, com a outra cuidando do peixinho, enquanto este, silencioso e levemente melancólico, tomava laranja por um canudinho especial...

Ora, um dia o homem e o peixinho passeavam à margem do rio onde o segundo dos dois fora pescado. E eis que os olhos do primeiro se encheram de lágrimas. E disse o homem ao peixinho:

“Não, não me assiste o direito de te guardar comigo. Por que roubar-te por mais tempo ao carinho do teu pai, da tua mãe, dos teus irmãozinhos, da tua tia solteira? Não, não e não! volta para o seio da tua família. E viva eu cá na terra sempre triste!...”

Dito isto, verteu copioso pranto e, desviando o rosto, atirou o peixinho n’água. E a água fez um redemoinho, que foi depois serenando, serenando... até que o peixinho morreu afogado...⁴

O enredo da pequena história é muito simples: um homem pesca um peixinho; encantado com seu ar de inocência e suas escamas azuis, faz dele um bichinho de estimação, e, mais do que isso, um estranho e melancólico “duplo” seu; um dia, passando pelo rio de onde o retirara, resolve devolvê-lo a seu elemento natural – mas ele já desaprendera a viver na água, e morre afogado. Não faltam aí elementos recorrentes ao longo da obra de Quintana. Por exemplo, a relação do homem com as manifestações pequenas e frágeis da natureza; uma relação que surge na forma de um lirismo mais puro em outros momentos, como o poema em prosa “Das boas maneiras”, no qual crianças catam “bichinhos-de-conta” que rolam em suas mãos “limpinhos, isentos, ilesos” e são logo devolvidos à terra “com metucioso carinho”.⁵ Ou o azul como símbolo da pureza, herança romântica muitas vezes assumida com a ternura mais sublime e outras com uma ironia às vezes algo mórbida, mas nunca destrutiva. Ou, finalmente, a morte. Não raro, como na “Velha História”, tais

⁴ QUINTANA 1977: 78-79.

⁵ QUINTANA 1983: 143.

elementos se articulam: é também o caso da “Canção Azul”, onde o poeta compõe uma elegia à “triste florzinha azul que sem querer pisaste no teu caminho”.⁶

Os bichos e as plantas, ou ainda os recém-nascidos, o céu e as estrelas, tendem a se revestir, na visão de Quintana, de uma dignidade perdida pelo homem: a dignidade dos seres que são sem o saber, dos seres sem nome, ou melhor, que não se nomeiam, como aquela mesma flor pisada, a quem o poeta sussurra “Miosótis” mas que morre “Sem nunca ter sabido que se chamava miosótis”; ou que não nomeiam ninguém, como aquele cágado no fundo de um poço, “o único bicho da casa que não sabia os nossos nomes”.⁷ Dessa dignidade o próprio poeta pode se embeber:

Ouçõ, num primitivo espanto, os gritos mais insólitos. Não sei o nome de nenhum desses pássaros, de nenhuma dessas árvores. Olho, agora, esta flor: apenas sei que é amarela. Meu pensamento, ou seja lá o que for, é simplesmente composto de adjetivos, como nos primeiros dias da Criação.⁸

Há ainda aquele ser indefinível, “Leve, sem nome...” e de quem nos diz o escritor: “Para que nomes? Era azul e voava...” Algo talvez identificável com a alma humana, já que é em torno dessa pergunta, enunciada no título, que o poema se articula: “Quem *seríamos?*”⁹ Essas situações, no entanto, têm muitas vezes uma contraface irônica. No caso dos bichos, à sua dignidade natural opõe-se a redução a marionete e espelho do homem, situação sintetizada no epigrama “Circo”: “A verdade é que os bichos, quando imitam pessoas, perdem toda a dignidade”.¹⁰ A mesma idéia explica a antipatia do poeta por certos animais, imitadores por excelência: “Os que gostam de papagaios e macacos não devem ter a mínima autocrítica.”¹¹ E também se manifesta nessa frase: “e no dia em que chamares a um dragão de Joli, o dragão te seguirá por toda parte como um cachorrinho...”¹²

Não é outra a situação do peixinho azul da “Velha História”. Embora não receba um nome, ele é insistente e ironicamente referido no diminutivo, e depois de ter a garganta pincelada com iodo e de sarar “no quente”, ou seja, no bolso traseiro de seu dono, passa a segui-lo “a trote, que nem um cachorrinho”. E enquanto o homem se entregava zelosamente – parafraseando o título de uma quadra do próprio Quintana – ao “espetáculo de si mesmo”,¹³ o peixinho, “silencioso e levemente melancólico, tomava laranja por um canudinho especial...”. É provavelmente entediado com seu brinquedo que o homem, num gesto melodramático, vertendo um

⁶ QUINTANA 1977: 34.

⁷ “O cágado”, in QUINTANA 1977: 100.

⁸ “Passeio pela mata”, in QUINTANA 1983: 160.

⁹ QUINTANA 1976: 159.

¹⁰ QUINTANA 1983: 149.

¹¹ “De Papagaios e Macacos”, in QUINTANA 1983: 172.

¹² “A Bela e o Dragão”, in QUINTANA 1977: 74.

¹³ “Do Espetáculo de Si Mesmo”, in QUINTANA 1977: 122.

“copioso” mas suspeitíssimo pranto, o devolve ao rio, que logo o envolve num redemoinho. É possível ver aí, nesse fecho, a manifestação de uma espécie de irônica piedade da natureza por seu filho pródigo, ou melhor, roubado. Mas ele também contém algo de uma microcatástrofe, quem sabe a alegoria do destino de uma civilização cujos homens perderam o equilíbrio interior. Não só o fato do peixinho se tornar uma espécie de “duplo” do homem e sua alma como o clima alegórico da história permitem essa leitura. E não será o peixinho azul aparentado daquele cisne de louça “que havia em cima de todos pianos quando havia um piano em todas as casa burguesas”, numa época de “equilíbrio”, “calma” e “terreno sólido”, e que termina igualmente afogado?

E, com as palmas das visitas,
Nem se ouvia o rumor das águas infinitas,
Que vinham subindo, subindo...

Aqui, no entanto, o alcance dessas águas fica muito mais claro:

Mas já se vai meio século que estamos em pleno maremoto.
E, até que as águas resserenem, continuaremos a bracejar neste entrechoque de extremos – nós, os desequilibrados filhos do Dr. Freud com a Rainha Vitória.¹⁴

Esse tom entre irônico e elegíaco também marca “Velha História”, cuja sintaxe e estrutura se assemelham às dos contos infantis, uma peculiaridade que torna mais aguda a vibração da morte em seu final. Aguda mas também sublime – imagem, afinal, de um retorno, por melancólico que seja, à natureza –, como sublime é quase sempre a morte em Quintana. É quase irresistível, aqui, a aproximação crítica com Machado de Assis, tanto mais que o “velho mestre” – na expressão do próprio Quintana – possui um poema assemelhado à “Velha História”. Em “A mosca azul”,¹⁵ pequena alegoria oriental em versos, um pobre andarilho indiano encontra “uma mosca azul, asas de ouro e granada”, que se autodefine como “a vida”, “a flor”, “E mais a glória, e mais o amor”. Pondo-se a contemplar o inseto, o “poleá” vê entre suas asas imagens de si próprio transformado em rei, cercado de glórias e prazeres. Ansioso por “saber a causa do mistério”, o homem termina dissecando a mosca, e depois, enojado com o que vê, enlouquecendo:

Dissecou-a, a tal ponto, e com tal arte, que ela,
Rota, baça, nojenta, vil,
Sucumbiu; e com isto esvaiu-se-lhe aquela
Visão fantástica e sutil.

¹⁴ “O Cisne Afogado”, in QUINTANA 1983: 131-132.

¹⁵ ASSIS 1992: 161-162.

Hoje, quando ele aí vai, de áloe e cardomomo
Na cabeça, com ar taful,
Dizem que ensandeceu, e que não sabe como
Perdeu sua mosca azul.

Mas se é evidente a proximidade do tema – o tratamento egoísta e irresponsável que o homem dá às coisas singelas da vida, reduzindo-as a seus próprios anseios –, a forma que ele assume nos dois autores difere bastante. Em primeiro lugar, é com muito mais acidez que Machado apreende o “espetáculo de si mesmo” a que se entrega seu personagem. Da mesma forma, a morte do pequeno inseto toma formas francamente repulsivas, enquanto o peixinho da “Velha História” morre como que embalado pelo movimento das águas e das reticências do texto. De um modo geral, pode-se dizer que a morte surge de forma bem mais positiva em Quintana. Num epigrama justamente intitulado “Morte”, ela é definida como uma “simples passagem de um estado para outro – assim como quem se muda do estado do Rio Grande do Sul para o estado de Santa Catarina...”;¹⁶ em outro lugar, o poeta declara ter “pena da morte – cadela faminta – a que deixamos a carne doente e finalmente os ossos, miseráveis que somos... O resto é indevorável”;¹⁷ em outro, ainda, ele afirma que “A vida nutre-se da morte, e não a morte da vida, como julgam alguns pessimistas”;¹⁸ em “Libertação”, finalmente, a morte torna-se “um abrir de todas as porteiças; um desabalado tropel de cavalos”.¹⁹

É verdade que pertencem ao repertório de Quintana frases como “A morte não iguala ninguém: há caveiras que possuem todos os dentes”,²⁰ e mesmo que vez por outra uma nota macabra termine predominando – mas ainda assim quase sempre temperada pelo humor –, como no texto “Crianças Gazeando a Escola”,²¹ espécie de fábula sobre a vingança da natureza em que, após achinchalharem um tigre e um elefante, os meninos vêem a cabeça do “mais piquinininho” deles ser devorada por um crocodilo... De qualquer forma, dificilmente se poderia encontrar em sua obra algo com a terrível virulência de uma crônica como “O autor de si mesmo”, em que Machado expõe com a mais cruel ironia o destino do fruto do “amor”, ou seja, do filho, de um casal: a morte lenta e dolorosa numa estrebaria, em que o menino de apenas dois anos fora abandonado pelos pais.²²

Não que uma segurança existencial – uma compreensão da dialética profunda do caos e do cosmos – não informe, no fim das contas, a relação de Machado com a morte; mas os fundamentos dessa segurança ele quase sempre os guarda para si, ou

¹⁶ QUINTANA 1983: 33.

¹⁷ “Tenho Pena da Morte”, in QUINTANA 1983: 17.

¹⁸ “Coisas Numeradas de Um a Trinta e Cinco”, in QUINTANA 1983: 86

¹⁹ QUINTANA 1983: 173.

²⁰ “Desigualdade”, in QUINTANA 1983: 173.

²¹ QUINTANA 1977: 102.

²² ASSIS 1992: 161-162. Como se sabe, o título da crônica é de autoria de Mário de Alencar.

os deixa apenas entrevistados: aquilo que o poeta gaúcho quer compartilhar o escritor carioca esconde, enquanto, à maneira da Natureza-Pandora das *Memórias póstumas*, nos pega pelo cabelo e obriga a contemplar o abismo. O próprio humor assume funções diferentes nos dois autores: em Machado ele tende para uma crueldade que, ainda que de algum modo abrigue aquilo que fere, não se quer uma forma de redenção. Já para Quintana, “Quem faz um poema salva um afogado”.²³ Seu humor guarda sempre algo do espírito daquele estranho “Mister Wong”, que, “descansadamente, põe-se a contar carecas na platéia”,²⁴ O de Machado, pode-se dizer, combinaria mais com o olhar voraz do “desrecalcado Mister Hyde”.

Arejada por um princípio de leveza, a poesia de Quintana concebe a vida como que envolta por um círculo encantado; um círculo que a tudo abriga, quer seja o progresso ou as ruínas: “Tão belo como um edifício em construção contra um céu azul, só mesmo um edifício em ruínas contra o mesmo céu. O que importa é o céu azul.”²⁵ Não é alheio às coisas do mundo e sua gravidade, mas temperando-as com uma espécie de madura sabedoria infantil, que o poeta ergue os olhos para o céu. Por isso, também em sua puerilidade mais chã, nem celeste nem marinha, essa sabedoria alcança alguns de seus vãos mais altos, ou mergulhos mais profundos. Como nessa troca de olhares entre uma menina e um outro “peixe”, talvez não tão azul quanto aquele, mas certamente mais feliz em sua anônima – e humana – liberdade:

Com o narizinho achatado contra a vidraça, a meninazinha olha a chuva que cai.

Olha agora o vagabundo que vai passando sob a chuva. É como se olhasse um estranho peixe num aquário.

E ele lhe sorri sem dente nenhum.

Que bonito! Os sorrisos mais sinceros são os sorrisos desdentados!²⁶

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

QUINTANA, Mario. (1977). *Poesias*. Porto Alegre: Editora Globo.

_____. (1983). *Caderno H*. Porto Alegre: Editora Globo.

_____. (1976). *Apontamentos de História Sobrenatural*. Porto Alegre: Editora Globo.

ASSIS, Machado de. (1992). *Obra completa, v. III*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

²³ “Emergência”, in QUINTANA 1976: 22.

²⁴ “O Estranho Caso de Mister Wong”, in QUINTANA 1977: 62.

²⁵ “Ruínas & Construções”, in QUINTANA 1983: 36.

²⁶ “Cena”, in QUINTANA 1977: 162.